



OLHARES PARA A DOCÊNCIA: O QUE ACONTECE QUANDO A UNIVERSIDADE ADENTRA A ESCOLA?

Marcos Gabriel Matos dos Santos¹

E-mail: marcosmasaga@gmail.com

Iarla Marta Morais de Brito²

Rosania dos Santos Magalhães de Souza³

Marcos Gomes Pereira⁴

Cleide Pereira dos Santos Lopes⁵

Universidade do Estado da Bahia – Campus XII

Escola Municipal Maria Regina Freitas

Guanambi, 19 de julho 2023.

Prezados/as Professores e Professoras da Educação Básica,

Toda carta pedagógica tem seu início na história de vida e na realidade de quem a escreve (DICKMANN, 2020). Então, na condição de professor da Educação Básica, de estagiárias do curso de Licenciatura em Pedagogia e de bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com o coração cheio de alegria e esperança compartilhamos nesta carta as experiências vivenciadas no contexto de uma escola da rede municipal de Guanambi-BA em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental.

Escrevemos-lhes com o objetivo de realizar algumas reflexões em torno da escola, da sala de aula com ênfase na relação Escola Básica e Universidade. Reflexões essas, que

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia pela UNEB Campus XII. Bolsista de Iniciação à Docência PIBID (CAPES).

² Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia pela UNEB Campus XII. E-mail: iarla89@hotmail.com

³ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia pela UNEB Campus XII. E-mail: Rosaniamagalhaes1234@gmail.com

⁴ Licenciado em Pedagogia pela UNEB Campus XIIC; possui Especialização em Supervisão Escolar e Coordenação Pedagógica: Ênfase em Educação Inclusiva - pelo Instituto Superior de Educação Ibituruna, ISEIB; professor efetivo dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública do município de Guanambi – Bahia, na escola Municipal Maria Regina Freitas. Professor coformador. E-mail: Marcospedagogia@hotmail.com

⁵ Licenciada em Pedagogia pela UNEB Campus XII; possui Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Pitágoras-UNOPAR; professora efetiva dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública do município de Guanambi – Bahia, na escola Municipal Maria Regina Freitas. Supervisora do PIBID. E-mail: cleidepslopes@gmail.com

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



16 a 19 de agosto



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



desencadearão outras ponderações e novos aprendizados. Afinal, o que dizem os olhares de quem está encharcado nessa realidade e dos que chegam para conhecê-la? Aqui, lembramos de Freire (1996) quando defende o diálogo, a reciprocidade, o respeito mútuo, o reconhecimento de diferentes saberes em relação a quem ensina e a quem aprende, pois, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 13).

Na condição de professor coformador do PIBID, egresso do curso de Pedagogia da UNEB – Campus XII, docente da Educação Básica compartilho com vocês que passei por muitos desafios ao assumir uma classe nos anos iniciais do Ensino do Fundamental. Inicialmente, não conseguia fazer uma ponte entre o que estudara na universidade com as questões postas na realidade concreta da sala de aula. Porém, as vivências constantes com a escola e seus enfrentamentos me permitem dizer que a Pedagogia é a arte de enfrentar desafios e quem se dispõe a trabalhar na educação precisa ter consciência das dificuldades e compromissos que enfrentará, essencialmente quando a sua meta é contribuir para um mundo melhor. Como nos diz Freire (2000, p. 51), “como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover no mundo”. Hoje, a Pedagogia é a minha grande aliada, sobretudo, com as transformações tecnológicas, com o novo arranjo familiar, somadas às outras alterações sociais nas últimas décadas que, por sua vez, tornaram o espaço escolar um tanto frágil frente às inúmeras demandas emergentes no campo dos valores e habilidades humanas.

Certamente, a educação é um veículo vital capaz de alimentar a esperança e mudar a realidade. A minha esperança vem do verbo esperar (FREIRE, 1992) e se alia à prática pedagógica por uma extensão na qual a universidade adentra a sala de aula. Refiro-me, especialmente, à troca de experiências com as estagiárias e com o aluno pibidiano da Universidade do Estado da Bahia/Campus XII. Reconheço que essa parceria propicia o diálogo entre a Universidade e a Escola Básica e fortalece as práticas pedagógicas, os saberes com novas metodologias, novos recursos, diversos instrumentos lúdicos que seduzem as crianças, despertam o seu interesse e conseqüentemente possibilitam maiores aprendizados. Posso afirmar que quando os estagiários assumem o leme da sala de aula, os alunos se entregam à magia das novidades apresentadas e das possibilidades de aprender com elas.

Outro ponto importante nessa parceria entre a escola e a universidade é a experiência formativa para o professor coformador, considerando que nesse espaço ocorrem as atualizações e trocas de experiências. É um momento de fortalecimento onde todos sentem as dificuldades

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



16 a 19 de agosto



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



do chão da sala de aula, mas também se fortalecem mutuamente pelo fato de estarem no mesmo barco e se comprometerem com a mesma causa. Diria que os desafios da educação são muitos, como: dificuldade de aprendizagem dos alunos, questões de ordem familiar e social, desgaste institucional e profissional, logo, faz-se necessário cada vez mais a aproximação entre universidade e escola.

Garantindo o nosso lugar de fala, também compartilhamos nossas experiências na escola de Educação Básica, na condição de licenciandas e licenciando do curso de Pedagogia - estagiárias e aluno bolsista pibidiano. Reconhecemos que o estágio supervisionado, assim como o PIBID nos possibilitam significativas experiências, tão necessárias à formação docente. Pois, reforçam as práticas de formação baseadas em pesquisa a partir de um contato com a rotina da escola e interação com a comunidade escolar.

Uma das coisas que nossos mestres sempre alertaram é que a tarefa de ensinar não é fácil, a gente só não sabia que era tão difícil! Quando chegamos à escola ficamos, de certo modo um pouco assustados ao depararmos na sala de aula com significativo número de alunos que apresentavam defasagem de leitura, de escrita, de interpretação textual, de raciocínio lógico matemático e também alunos com atraso escolar com mais de dois anos e que mal compreendiam um texto. Por exemplo, faziam recortes, tentavam decodificar ou simplesmente não liam, enfim, apresentavam defasagem de aprendizagem. Nesse contexto, reconhecemos o relevante papel do professor frente à diversidade e demandas de toda ordem, considerando que essas questões complexas envolvem, sobretudo, questões econômicas e sociais.

Inicialmente, enquanto estagiárias, pensamos em desistir achando que não daríamos conta, afinal, como intervir de forma significativa frente àquele cenário? Com o tempo fomos conhecendo um pouco da realidade de cada aluno e compreendendo alguns dos seus comportamentos. Entendemos que o aluno tem muito a nos ensinar. Assim, procuramos realizar o nosso trabalho por meio da escuta desse aluno. Elaboramos atividades buscando o seu envolvimento e a sua participação. Em tempo, o professor coformador da classe se tornou o nosso grande aliado, estava ali para nos socorrer, caso algo desse errado. Desse modo, a experiência que de início foi de muito medo se tornou prazerosa e gratificante! Percebemos que é isso que motiva os professores a continuarem lecionando, pois são muitos os desafios e carências, por exemplo: recursos materiais escassos, sala de aula mista constituída por alunos em níveis de leitura e escrita diversificados, grande número de alunos na sala da aula, falta de

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



16 a 19 de agosto



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



acompanhamento dos pais em ajudar os filhos nas tarefas de casa, ausência de trabalhos em equipe, por parte dos professores, as muitas ausências dos alunos às aulas, entre outros.

Em se tratando das minhas experiências enquanto aluno PIBIDiano contribuir com as estagiárias e com aquela turma na troca de aprendizados. O PIBID vem propiciando várias oportunidades e ideias para inovar as aulas e aprender cada vez mais sobre a docência e o professor coformador tem contribuído de forma significativa para a minha formação. Em tempo, reconheço que a formação ocorre de ambos os lados. A troca de experiências contribuem para oxigenar a relação e aprendizados entre a Escola de Educação Básica e a Universidade.

Enquanto graduandas/o gostaríamos de ratificar aqui a questão que envolve a relação família-escola. Percebemos muitas fragilidades nesse campo marcado por uma certa ausência da família na escola do filho. Sem o acompanhamento, os alunos apresentavam uma série de dificuldades no desempenho das suas atividades escolares. Considerando as minhas experiências como professor coformador ressalto que no período pandêmico, assim como no retorno as aulas presenciais, a situação dos alunos se agravou, sobretudo pela falta de auxílio quanto ao uso das tecnologias, assim como de acompanhamento nas tarefas escolares.

Em nossas reflexões diríamos que sabemos que a responsabilidade não é de via única, mas em parceria família-escola. A escola é o veículo das aprendizagens e interações e o professor assume, nesse contexto, um papel de grande relevância, porém, nem tudo está ao seu alcance. Importa destacar, no entanto, que é responsabilidade da escola abrir as suas portas para escutar o seu aluno e os seus pais e entender a sua situação.

A experiência por nós vivenciada de diferentes maneiras nos permitem dizer que a parceria da universidade com a escola da rede pública é essencial. Se configura como uma reflexão e possivelmente uma ação no ambiente escolar que envolve professores, alunos e toda a sociedade. É uma troca maravilhosa de saberes, de desafios e aprendizados.

Enfim, as nossas reflexões partem de um pressuposto de reafirmações e reconstruções de uma nova escola. Não queremos nesta carta apontar erros. Evitamos assumir a posição de verdades prontas, que tudo está acabado e sim a abertura de janelas e portas que oxigenarem a escola e os ares da educação. Pretendemos passar uma mensagem para você professor ou futuro professor sobre a escola e o seu papel, assim como sobre a sala de aula como um lugar de identificação do aluno.

Nesse intervalo, reafirmamos a importância da relação entre a Universidade e a Escola Básica. A ponte entre a escola e a universidade serve para pensar e refletir sobre os muitos

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



16 a 19 de agosto



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



problemas na sala de aula em todas as esferas. Nesse sentido, deixamos uma frase que descreve de maneira responsável o que pode acontecer quando a universidade adentra à escola: Quando a universidade entra na sala de aula, a educação deixa de ser fragmentada e assume seu papel que é de fazer a transformação social. Assim, a Universidade se torna viva, a escola e os professores estarão em processo constante de formação.

Palavras-chave: Docência. Educação Básica. Estágio Supervisionado. PIBID.

Referências:

DICKMANN, Ivanio. As dez características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (Org.). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmicos-metodológicos na educação popular**. Chapecó: Livrologia, 2020.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.